

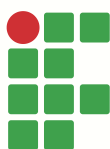
Ano 1 . Nº 2
ISBN 978-65-87749-06-8

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano
Campus Governador Mangabeira

BOLETIM TÉCNICO



Múltiplos saberes: práticas educacionais contemporâneas



**INSTITUTO
FEDERAL**

Baiano

Campus
Governador
Mangabeira

Marília Dantas e Silva
Olinson Coutinho Miranda
Roberto Carlos Oliveira dos Santos

GOVERNADOR MANGABEIRA - BA
2020

Múltiplos saberes: práticas educacionais contemporâneas



Marília Dantas e Silva
Olinson Coutinho Miranda
Roberto Carlos Oliveira dos Santos

1ª Edição

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano
Campus Governador Mangabeira
Boletim Técnico
Ano 01 – Nº 02
ISBN 978-65-87749-06-8

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano
Campus Governador Mangabeira

**Múltiplos saberes:
práticas educacionais contemporâneas**

Marília Dantas e Silva
Olinson Coutinho Miranda
Roberto Carlos Oliveira dos Santos

1ª Edição

Governador Mangabeira, BA
2020

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano
Campus Governador Mangabeira
Boletim Técnico
Ano 01 – Nº 02
ISBN 978-65-87749-06-8

Rua Waldemar Mascarenhas, s/n – Portão - CEP 44350-000
www.ifbaiano.edu.br/unidades/gmb/
Telefones: (75) 3638-2012 / 3638-2081

Comitê de Publicação

Editor Chefe: *Bethania Felix Miranda Ramos*

Coeditor: *Alisson Jadavi Pereira da Silva*

Conselho Editorial: *Elísio José da Silva Filho*

Ítala Iara Medeiros de Araújo

Revisão de Texto e Normatização Bibliográfica: *Eliane Santos Leite da Silva*

Projeto Gráfico: *Elísio José da Silva Filho*

Ficha Catalográfica: *Anderson Silva da Rocha*

1ª Edição (2020)

S586m Silva, Marília Dantas e
Múltiplos saberes: práticas educacionais contemporâneas /
Marília Dantas e Silva; Olinson Coutinho Miranda; Roberto
Carlos Oliveira dos Santos. -- Governador Mangabeira/BA :
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano
- Campus Governador Mangabeira, 2020.
32 p.. -- (Boletim Técnico, n. 02) --

ISBN 9786587749068

1. Abelhas. 2. Cultura. 3. Multidisciplinaridade.
4. Práticas pedagógicas. 5. Teoria queer I.Miranda, Olinson
Coutinho. II.Santos, Roberto Carlos Oliveira dos. III. Título.

CDU: 37:638.1

Imagem de capa livre de royalties

Disponível em: Aquarela vetor criado por macrovector -
br.freepik.com

OS AUTORES

Marília Dantas e Silva: É graduada em Biologia pela UCSAL. Mestre em Ecologia e Biomonitoramento pela UFBA e doutora em Ecologia pela UFBA. Atualmente, é Docente EBTT de Biologia do IF Baiano, campus Governador Mangabeira. Faz parte do grupo de pesquisa GEMAS/IFBaiano, do campus Governador Mangabeira.
E-mail: marilia.dantas@ifbaiano.edu.br

Olinson Coutinho Miranda: É graduado em Letras com Inglês e Mestre em Crítica Cultural pela UNEB. Atualmente, é Docente EBTT de Letras com Inglês do IF Baiano, campus Governador Mangabeira e doutorando em Cultura e Sociedade pela UFBA. Faz parte dos grupos de pesquisa GEMAS/IFBaiano/GMB, GPELIF/IFBaiano e NOCUS/UFBA.
E-mail: olinson.miranda@ifbaiano.edu.br

Roberto Carlos Oliveira dos Santos: É graduado em História e mestre em Educação e Contemporaneidade pela UNEB. Atualmente, é Docente EBTT de História do IF Baiano, campus Governador Mangabeira. Faz parte do grupo de pesquisa GEMAS/IFBaiano e Núcleo de estudo e pesquisa NEABI/IFBaiano, do campus Governador Mangabeira.
E-mail: roberto.santos@ifbaiano.edu.br.

PREFÁCIO

A convivência com professores de diferentes áreas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, nos permite refletir o quanto de mudanças tem passado a educação ao longo do tempo face aos novos desafios impostos à instituição com perfil de promover ensino, pesquisa e extensão. Por essa razão o texto é nomeado de “**Múltiplos saberes: práticas educacionais contemporâneas**”. Trata-se de experiências pedagógicas multifacetadas pelo diálogo multidisciplinar de diferentes áreas como a Linguagem, a Biologia e a História que aqui se enamoram. Num contexto mais amplo, são práticas docentes reveladoras do cuidado com a vida em suas diferentes dimensões.

No texto, intitulado *Entendendo a teoria Queer: por uma prática pedagógica em prol da diferença*, o autor Olinson Coutinho Miranda descortina suas análises com a demarcação epistemológica segundo ele próprio “numa forma inquieta e perturbadora em se pensar uma prática pedagógica que possibilita a discussão de um ambiente escolar e currículos em prol das diferenças”.

No texto intitulado *Práticas educacionais alternativas com a utilização de abelhas*, a autora Marília Dantas e Silva destaca o compromisso com a educação significativa e a importância da ciência para despertar o interesse dos “inquietos” pela descoberta do desconhecido numa proposta teórico-metodológica para o ensino e pesquisa com a criação de abelhas sem ferrão.

Por fim, o texto *Saberes docentes sobre a cultura: a experiência das feiras culturais para difusão de conhecimentos e formação de identidades étnico-raciais*, o autor Roberto Carlos Oliveira dos Santos propõe uma reflexão sobre o conceito de cultura e os saberes docentes na formação de identidades de estudantes. O contexto sócio-pedagógico das reflexões foram as atividades formativas das Feiras Culturais do Recôncavo baiano e do Núcleo de Estudos Afro Brasileiro e Indígenas - Neabi.

A diversidade das abordagens contidas nesse Boletim Técnico possibilita um diálogo rico de significados para os leitores com a intenção de construir pontes de aproximação entre diferentes conhecimentos e saberes.

Roberto Carlos Oliveira dos Santos.

MÚLTIPLOS SABERES: PRÁTICAS EDUCACIONAIS CONTEMPORÂNEAS

RESUMO

O presente boletim técnico apresenta uma produção multidisciplinar, a qual possibilita práticas pedagógicas contemporâneas inovadoras que envolvem estudos com abelhas, teoria queer e cultura. As abelhas são muito importantes para fins educacionais, pois representam uma ótima ferramenta para promover a educação ambiental e enriquecimento dos componentes curriculares, os meliponíneos, como não apresentam ferrão funcional, podem ser mantidos em escolas, servindo como material diferenciado de auxílio nas aulas práticas e atividades de educação ambiental e utilizar as abelhas como instrumento para o aprendizado de alguns conteúdos do componente curricular Biologia no Ensino Médio como: polinização, palinologia, organização social dos insetos, ecologia e educação ambiental possibilita ver e aprender com esses insetos pode despertar uma consciência ecológica e de preservação ambiental e o que poderá contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes e comprometidos com a vida no nosso planeta. A teoria queer apresenta uma forma inquieta e perturbadora em se pensar uma prática pedagógica que possibilita a discussão de um ambiente escolar e currículos em prol da diferença, a qual inclui a multiplicidade de gênero, sexualidade, raça, cor, classe social, permitindo a desconstrução da prática estática e normativa, abrindo espaço de discussão para que todos os atores envolvidos no ambiente escolar (estudantes, docentes, gestores, técnicos, pais, equipe pedagógica e terceirizados) possam discutir sobre a importância de uma prática em que a diferença seja fator fundamental e essencial no processo de ensino e aprendizagem. A problematização do conceito de cultura é fundamental para a formação de identidades dos estudantes na contemporaneidade, e tendo como ponto de reflexão central nessa discussão a análise das atividades culturais das Feiras Culturais do Recôncavo Baiano (FCRB) que ocorrem anualmente no calendário letivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, Campus Governador Mangabeira, as quais fazem parte das ações promovidas pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro e Indígena (Neabi/Mangabeira) em parceria com a Pós-Graduação em História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena (Pós HCABI), possibilitando uma reflexão e ação de cultura que envolva uma produção pedagógica que insira a comunidade, incorporando diversas áreas do conhecimento humano integrando cultura, arte, política, ciência, tecnologia, culinária, religiosidade e afetos. Dessa forma, este boletim técnico permite que elementos articuladores de conhecimento dos múltiplos saberes possam desenvolver projetos educacionais e práticas pedagógicas inovadoras.

Palavras-Chave: Abelhas; Cultura; Multidisciplinaridade; Práticas pedagógicas; Teoria queer.

PRÁTICAS EDUCACIONAIS ALTERNATIVAS COM A UTILIZAÇÃO DE ABELHAS

Marília Dantas e Silva¹

¹ Instituto Federal Baiano, Campus Governador Mangabeira.

INTRODUÇÃO

A educação em ciências deve proporcionar a todos a oportunidade de desenvolver capacidades que despertem a inquietação diante do desconhecido, buscando explicações lógicas e razoáveis, levando os estudantes a desenvolverem posturas críticas, realizarem julgamentos e tomarem decisões fundamentadas em critérios objetivos (BIZZO, 1998). Uma forma de tornar essa aprendizagem mais motivadora seria utilizar modelos biológicos, com os quais seja possível a aquisição de conceitos básicos, observando o comportamento de organismos vivos, como é o caso das abelhas. Elas são muito importantes para fins educacionais, pois representam uma ótima ferramenta para promover a educação ambiental e enriquecimento dos componentes curriculares desenvolvidos (VENTURIERI et al., 2020).

As abelhas são insetos da ordem Hymenoptera, que também inclui vespas e formigas. Constituem um grupo bastante diverso com 25 a 30 mil espécies distribuídas no mundo. Dessas, 85% são solitárias, 10% cleptoparasitas e apenas 5% apresentam algum grau de sociabilidade (MICHENER, 2000). Na visita às flores para a busca de recursos, utilizados na alimentação e construção de ninhos, as abelhas realizam a polinização de plantas nativas e cultivadas (ROUBIK, 1989). O declínio das populações de polinizadores foi considerado uma ameaça à produção de alimentos e consequentemente à vida humana. As abelhas, então, passaram a ter destaque como tema de eventos científicos, projetos intergovernamentais, metas de políticas públicas e programas na mídia (IMPERATRIZ-FONSECA et al., 2012). Neste contexto se tornou necessário a incorporação de tal discussão nos instrumentos didáticos utilizados na educação, a fim de provocar mudanças de comportamentos na sociedade, que visem à preservação desse grupo tão importante.

Em ambientes naturais tropicais se destacam os meliponíneos (Apidae, Meliponini), que agrupam numerosas espécies de organismos sociais, com comportamentos complexos, e há muito são criadas pelos povos indígenas (NOGUEIRA-NETO, 1997). São os principais consumidores de pólen das flores nos

trópicos úmidos (ROUBIK 1993), alimento usado como fonte de proteína para produção intensa e contínua da prole. São conhecidas como as “abelhas indígenas sem ferrão” e sua ecologia desperta enorme interesse também porque são polinizadores importantes da flora nativa e se destacam entre os insetos visitantes de flores nos ecossistemas tropicais (ROUBIK 1989, MICHENER 2000), como a Mata Atlântica (RAMALHO, 2004; SILVA et al., 2013).

As abelhas sem ferrão podem ser mantidas em escolas, onde são possíveis sua instalação em caixas de observação e, inclusive, levadas para o interior da sala de aula servindo como material diferenciado de auxílio nas práticas. Sobretudo são um excelente estímulo para desenvolvimentos de atividades multidisciplinares e como material didático (SILVA et al., 2014).

Dado seu papel ecológico chave na reprodução e autorregeneração da vegetação nativa, a produção de méis muito saborosos e o elaborado comportamento social, os meliponíneos oferecem a possibilidade de desenvolvimento de temas relevantes na formação para o estudo da Biologia e desenvolvimento da consciência ambiental. Assim o contato direto com esse objeto natural, certamente será capaz de sensibilizar os discentes sobre valor das abelhas, da conservação ambiental, além de despertar neles o interesse pela pesquisa científica. A realização de atividades de sensibilização sobre as abelhas permite ainda demonstrar e explicar a importância da preservação das diferentes espécies existentes e as complexidades ecológicas nos ambientes nos quais elas ocorrem.

ABELHAS COMO INSTRUMENTO PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ENSINO DE BIOLOGIA

A presente proposta tem como objetivo utilizar as abelhas como instrumento para o aprendizado de alguns conteúdos do componente curricular Biologia no Ensino Médio como: polinização, palinologia, organização social dos insetos, ecologia e educação ambiental.

Os procedimentos poderão ser realizados com ou sem a utilização de ninhos de abelhas sem ferrão, como os existentes no meliponário do *Campus* do IF Baiano de Governador Mangabeira. Assim a organização se dará com duas propostas a serem realizadas com os ninhos de meliponíneos e uma sem a utilização dos mesmos. Todas permitirão alcançar os objetivos propostos de sensibilização e aquisição dos conteúdos da Biologia.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, *Campus* Governador Mangabeira foi criado em primeiro de agosto de 2011 e está localizado na Região do Recôncavo Sul da Bahia, a 119Km da capital do Estado. Ele apresenta um meliponário que foi implantado em novembro de 2013 e os ninhos foram adquiridos através de meliponicultores e utilização de ninhos armadilha (Silva et al.,2019). Esse meliponário foi utilizado para diversas atividades ao longo desses anos como, por exemplo: educação ambiental (Fig.1), atividades de pesquisa, cursos de meliponicultura e aulas de Biologia. Ele apresenta atualmente seis ninhos de *Melipona scutellaris* (uruçu), um ninho de *Tetragonisca angustula* (jataí), um ninho de *Nannotrigona testaceicornis* (iraí) e um de *Plebeia* sp (inhati). Além disso, a área do *Campus* apresenta muitos ninhos naturais, de diferentes espécies de abelhas sem ferrão, implantados em árvores nativas e cavidades artificiais (SILVA et al., 2019).



Figura1. Atividades de educação ambiental realizadas no meliponário do Campus do IF Baiano de Governador Mangabeira.

A primeira proposta de aula tem como objetivo conhecer a organização e o funcionamento de ninhos de abelhas sem ferrão. Para isso os estudantes irão observar colônias de duas espécies de meliponíneos: *Melipona scutellaris* (uruçu) e *Tetragonisca angustula* (jataí). Com essa prática os estudantes poderão entender o que são insetos sociais, observar a organização das castas além de analisar as características dos artrópodes e da Classe Insecta.

Após uma abordagem teórica em sala de aula sobre a Classe Insecta e os insetos sociais (sobre quais as vantagens estes insetos tem sobre os que vivem solitariamente), os estudantes irão para o meliponário do *Campus* observar os ninhos das duas espécies mencionadas anteriormente. Irão anotar e observar as informações como: características

dos membros da colônia (operária, zangão e rainha), tipos de alimentos presentes, organização do ninho etc. Poderão ver ainda o processo de metamorfose de uma operária, que nas abelhas é completa, e irão comparar as principais diferenças encontradas entre as espécies observadas.

Os insetos que sofrem metamorfose completa são chamados de holometábolos. Nesse tipo de transformação encontramos quatro tipos de estágios: ovo, larva, pupa e adulto. Durante a metamorfose os insetos sofrem uma mudança radical em suas formas, tecidos e órgãos (SADAVA et al.,2009). Durante a observação dos ninhos será retirado do favo de crias, com auxílio de pinças, exemplares do ovo, da larva e pupa de uma operária, para comparação das transformações que acontecem ao longo do desenvolvimento deste organismo. Todos os exemplares (cinco de cada) serão acondicionados em frascos de vidro com álcool a 70% e observados em laboratório com auxílio de lupas. Os estudantes irão observar as principais diferenças encontradas entre eles e no final irão produzir um relatório em equipe sobre todas as atividades desenvolvidas.

A segunda proposta de aula aborda o tema polinização, que geralmente é vista no segundo ano do Ensino Médio. Após o estudo da morfologia floral e a importância da polinização, os estudantes irão realizar a atividade sugerida. Nesta prática os estudantes irão se organizar em quatro grupos, onde dois irão realizar as coletas de pólen nos ninhos de meliponíneos e os outros dois grupos em flores existentes ao redor do meliponário.

A Palinologia tem sido uma ferramenta importante na compreensão da relação abelha-pólen, através da análise da composição florística dos produtos apícolas e meliponícolas. As análises qualitativas e quantitativas dos tipos polínicos são, portanto, instrumentos utilizáveis para a caracterização de sua procedência geográfica, bem como da origem florística, sendo importantes para manutenção e permanência das colônias de abelhas em uma determinada região (CORREIA et al.,2017).

Cada grupo irá coletar o pólen dos potes de alimentos presentes em três ninhos da espécie *Melipona scutellaris* (uruçu) encontradas no meliponário da área estudada (amostra de pólen de três potes de cada ninho). Já as outras duas equipes irão coletar flores, de diferentes espécies vegetais encontradas na área, para a organização de uma palinoteca de referência. Em laboratório será realizada a montagem de lâminas de microscopia óptica, para determinação dos tipos polínicos encontrados, tanto nos potes de alimento como nos estames das flores coletadas (diretamente das anteras recém-abertas).

As anteras dos botões florais, em microscópio estereoscópio, serão seccionadas e seu pólen removido. Ocorrerá então a inclusão dos grãos de pólen em gelatina glicerizada não corada (7g de gelatina incolor dissolvida em 24,5 mL de água destilada) conforme descrito por Barth (1989). Em seguida, as lâminas serão vedadas com parafina, preparando-se três lâminas para cada amostra monofloral e observadas em microscópio. As lâminas serão fotografadas em microscópio óptico com câmera acoplada e anexada em microcomputador para a recepção e edição de imagem para composição do laminário polínico de referência da área.

Em relação à identificação do material encontrado nos ninhos, cerca de 1g do pólen será macerada com 10 mL de álcool 70% e em seguida a suspensão será centrifugada por 15 min e o sobrenadante descartado. Após esse procedimento serão adicionados ao sedimento mais 10 mL de álcool a 70% e centrifugado novamente por 15 min. O precipitado colhido receberá 5 mL de água destilada e deixado repousar por 30 minutos antes da centrifugação por 15 min. Depois de descartado o sobrenadante, serão preparadas as lâminas compostas, conforme descrito por Barth (1989), em triplicatas. As morfoespecies presentes nos potes de alimentos serão identificadas através de comparação a banco de dados (das espécies de plantas encontradas na área, catálogos polínicos disponíveis e literatura especializada sobre o assunto).

Quanto à contagem dos grãos de pólen (cerca 100 grãos por lâmina) e a classificação do espectro polínico será efetuada segundo descrito por Barth (1989). Será considerado pólen dominante aquele cuja forma foi prevalente nos grãos amostrados, compondo acima de 45% dos tipos presentes nesses grãos; o pólen acessório com frequência entre 16-45% nos grãos; e os poléns isolados importantes (cerca de 3-15% dos grãos) e ocasionais (menos de 3 % dos grãos). Após esse procedimento será possível identificar a proporção de cada tipo polínico existente nas flores da área, que foram encontradas nos potes de alimento da espécie analisada, e cada equipe irá produzir um relatório das atividades desenvolvidas. Com isso será possível verificar a importância dessas abelhas para a reprodução das plantas presentes na área, visto que as abelhas sem ferrão apresentam constância floral, concentrando a coleta de alimento em uma fonte até o esgotamento do recurso (RAMALHO et al. 1998; 2007).

A terceira e última proposta pretende abordar a relação do desaparecimento das abelhas, com as causas ambientais decorrentes das ações humanas. Para isso serão utilizadas as seguintes etapas: análise de artigos e documentários sobre o tema; estudos

individuais e em grupo; discussão em grupo; estudo e produção de texto; pesquisa na literatura e internet; elaboração de uma cartilha e divulgação da mesma.

Ultimamente, o maior problema da apicultura mundial relaciona-se ao conhecido “desaparecimento das abelhas” ou Síndrome do Colapso das Abelhas - Colony Collapse Disorder ou CCD. Essa síndrome corresponde ao desaparecimento repentino das abelhas ou à redução, em poucos dias, do tamanho da colônia com rainha, mesmo na presença de crias, pólen e mel, sem deixar vestígios de morte de abelhas. O CCD vem causando sérias baixas no número de colônias de *Apis mellifera* nos Estados Unidos bem como em alguns países da Europa e da América do Sul. A perda da biodiversidade dos polinizadores, especialmente das abelhas, pode comprometer a produção agrícola de culturas importantes, principalmente nos países em desenvolvimento, como o Brasil (IMPERATRIZ FONSECA et al., 2012).

Primeiramente a discussão será realizada através da análise da frase de Albert Einstein: "Se as abelhas desaparecerem da face da terra, a humanidade terá apenas mais quatro anos de existência. Sem abelhas não há polinização, não há reprodução da flora, sem flora não há animais, sem animais não haverá raça humana. (...)”. Os estudantes irão falar se concordam com essa frase e se sabem qual o papel das abelhas nos ecossistemas.

Posteriormente a essa discussão, os estudantes irão assistir três reportagens: “A importância das abelhas” Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mWl-ZueqDAE>. Acesso em: 27/07/2020; o “Sem abelhas sem alimentos”, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BvGwLGmwOzE>. Acesso em: 27/07/2020 e o “A extinção das abelhas” Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1PsBsM_13Vw. Acesso em: 27/07/2020. Além disso, serão disponibilizados aos estudantes artigos sobre o desaparecimento das abelhas, como exemplo: “O Desaparecimento das Abelhas Melíferas (*Apis mellifera*) e as Perspectivas do Uso de Abelhas Não Melíferas na Polinização” “Imperatriz-Fonseca et al., 2012” ou outro artigo que o docente ache mais adequado para a turma. Após assistirem as reportagens e realizarem a leitura dos artigos, os estudantes irão se organizar em grupos para discutir o que vem acontecendo com as abelhas, por que elas estão desaparecendo, quais as consequências do seu desaparecimento e quais as possíveis ações para reverter esse quadro. Depois dessa atividade os estudantes irão realizar mais pesquisas sobre o tema e deverão produzir uma cartilha, que ilustre a situação de risco a

que estão expostas as abelhas no Brasil e no mundo. Em seguida essas cartilhas serão apresentadas em sala de aula e posteriormente divulgadas nas redes sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As abelhas são organismos extremamente importantes para os ecossistemas e produção de grande parte dos alimentos que consumimos, em decorrência do seu enorme papel na polinização. Atualmente elas sofrem com a perda de habitats, diminuição das fontes de alimento, de locais para a implantação dos seus ninhos e principalmente pelo uso indiscriminado de defensivos agrícolas. Portanto existe a necessidade da realização de estratégias que visem a conservação desses insetos, e uma delas é a educação ambiental. Esta consiste numa atividade de formação indispensável para as mudanças necessárias de hábitos e práticas sociais, pois só a partir do conhecimento do nosso ambiente será possível trabalharmos a favor de questões relevantes no presente e no futuro. Como não apresentam ferrão funcional, espécimes de meliponíneos são excelentes como instrumento para trabalhos com educação ambiental. Dado seu papel ecológico chave na reprodução e auto-regeneração da vegetação nativa, a produção de méis muito apreciados e o elaborado comportamento social, oferecem a possibilidade de desenvolvimento de temas relevantes na formação dos estudantes e desenvolvimento da consciência ambiental, assim como de atividades voltadas para a sustentabilidade. A possibilidade de ver e aprender com esses insetos pode portanto, despertar uma consciência ecológica e de preservação ambiental, o que poderá contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes e comprometidos com a vida no nosso planeta.

REFERÊNCIAS

- BARTH, O. M. **O pólen no mel brasileiro**. Rio de Janeiro: Gráfica Luxor, 150p, 1989.
- BIZZO, N. **Ciências: fácil ou difícil**. Ed. Ática, São Paulo, SP, 1998.144p.
- CORREIA, F. C. da S.; FRANCISCO, R. da S.; PERUQUETTI, R. C. 2017. PALINOLOGIA E A INTERAÇÃO PLANTA-ABELHA: REVISÃO DE LITERATURA. Palinologia e a interação planta-abelha: revisão de literatura. Arq. Ciênc. Vet. Zool. UNIPAR, Umuarama, v. 20, n. 4, p. 247-251, out./dez.
- IMPERATRIZ-FONSECA, V.L., GONC, ALVES, L.S., FRANCOY, T.M., NUNES-SILVA, P., 2012. O desaparecimento das abelhas melíferas (*Apis mellifera*) e as perspectivas do uso de abelhas não melíferas na polinização. **Doc.** (Embrapa Semi-Árido. Online) 249, 210–233.
- MICHENER, C.D. 2000. **The Bees of the World**. Baltimore, Johns Hopkins university. 913p.
- NOGUEIRA NETO, P. 1997. **Vida e Criação de Abelhas Indígenas sem ferrão**. São Paulo: Nogueirapis, 445p.
- RAMALHO, M. 2004. **Stingless bees and mass flowering trees in the canopy of Atlantic Forest: a tight relationship**. Acta bot. bras. 18: 37-47.
- RAMALHO, M.; IMPERATRIZ-FONSECA, V.L. & GIANNINI, T.C. 1998. Within colony size variation of foragers and pollen load capacity in the stingless bee *Melipona quadrifasciata anthidioides* Lepeletier (Apidae, Hymenoptera). **Apidologie** 29(3): 221-228.
- RAMALHO, M.; SILVA, M.D. & CARVALHO, A.L. 2007. Dinamica de uso das fontes de pólen por *Melipona scutellaris* Latreille (Hymenoptera, Apidae): uma análise comparativa com *Apis mellifera* (Hymenoptera, Apidae) no domínio tropical atlântico. **Neotropical Entomology** 36(1): 38-45.
- ROUBIK, D.W. 1989. **Ecology and Natural History of Tropical Bees**. [Cambridge]: Cambridge Univ. Press, 514p.
- SADAVA, D.; CRAIG HELLER; GORDON H. ORIAN; WILLIAM K. PURVES; DAVID M. HILLIS. 2009. **Vida: A Ciência da Biologia**. Artmed, Volume 2. 8ª Edição.
- SILVA, M.D., RAMALHO, M., MONTEIRO, D. 2013. Diversity and habitat use by stingless bees (Apidae) in the Brazilian Atlantic Forest. **Apidologie** 44: 699–707p.

SILVA, M.D., MELO, J. P. S. 2014. Meliponicultura como alternativa de conservação ambiental e sustentabilidade: uma proposta para membros da comunidade rural de Governador Mangabeira, Bahia, Brasil. **Revista Extensão**, v. VII, p. 245-252p.

SILVA, M. D., FERREIRA, M. S. FERREIRA, M. S. 2019. Espécies de abelhas sem ferrão (Apidae: Meliponini) em um fragmento urbano de Mata Atlântica secundária no Recôncavo da Bahia, Brasil. **Magistra**, Cruz das Almas – BA, V. 30, p.189 - 198, 2019.

VENTURIERI, G. C. **Criação de abelhas indígenas na Amazônia: avanços e desafios**. Embrapa Amazônia Oriental. Disponível em:
<<http://www.alice.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/409957/1/aPICULTURA.pdf>>
Acesso em: 12 de jul. de 2020.

ENTENDENDO A TEORIA QUEER: POR UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM PROL DA DIFERENÇA

Olinson Coutinho Miranda¹

¹ Instituto Federal Baiano, Campus Governador Mangabeira.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto dos estudos de mestrado e doutorado em teoria queer e apresenta uma forma inquieta e perturbadora em se pensar uma prática pedagógica que possibilita a discussão de um ambiente escolar e currículos em prol das diferenças. Diferenças que incluem a multiplicidade de gênero, sexualidade, raça, cor, classe social, permitindo a desconstrução da prática estática e normativa. A presente proposta é uma forma de discussão para que todos os atores envolvidos no ambiente escolar (estudantes, docentes, gestores, técnicos, pais, equipe pedagógica e terceirizados) possam discutir sobre a importância de uma prática em que a diferença seja fator fundamental e essencial no processo de ensino e aprendizagem.

Trazer à tona uma prática pelas diferenças é possibilitar a discussão e implementação de uma pedagogia queer para que se possa (re)pensar, (des)construir, questionar o currículo educacional, permitindo a inserção da multiplicidade de sujeitos, corpos e performances no ambiente escolar que é múltiplo, diverso e plural, possibilitando o rompimento, a transgressão das ideias de estabilidade, normatividade e normalidade presentes no sistema educacional.

TEORIA QUEER

A teoria queer surge nos Estados Unidos, na década de 80, e tem suas bases fundamentais nos estudos feministas e nos estudos gays e lésbicos. A teoria provém da necessidade de um reordenamento gay e lésbico e promulga um movimento pós-identitário, superando a ideia de identidade fixa e normatizada pelos estudos feministas e gays e lésbicos. Sendo assim, surge a possibilidade de sujeitos, prazeres, amores, desejos diferentes que perpassam a ideia das normas e regras.

Assim, com as questões filosóficas reportadas, o significado da teoria queer se problematiza ainda mais, pois, como diz Miskolci (2007, p.3), “a heterossexualidade só existe em oposição à homossexualidade, compreendida como seu negativo inferior e

abjeto. Ainda que não expressa, a homossexualidade é o Outro sem o qual o hegemônico não se constitui nem tem como descrever a si próprio”. Por sua vez, Fernando de Figueiredo Balieiro afirma que:

Aqueles que não se enquadram a esta norma social são alocados à abjeção (BUTLER, 1999) e tem a existência e materialidade de seus corpos ameaçados socialmente, suas vidas são frágeis e precárias, pois são considerados menos humanos, aberrações de uma humanidade pretensamente saudável e perfeita. Os abjetos não apenas existem de forma excluída da normalidade, eles são parte constitutiva dela, fantasmas que assombram a construção de gênero de meninos e meninas ‘saudáveis’ e que podem a meio caminho desviar-se. São assim considerados ameaças à sociedade que desempenha esforços violentos simbólica ou materialmente em perpetuar o que se considera natural, mas teima em não se realizar completamente (2007, p. 3).

Trazer a idéia de rupturas, lutas, instabilidades, transformações, excentricidade e diferenças é fundamental entender os conceitos do queer, conforme Guacira Lopes Louro, o queer:

é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante- homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser integrado e muito menos tolerado. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro e nem o quer como referências; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do entre lugares, do indecível. Queer é um corpo estranho que incomoda perturba, provoca e fascina. (LOURO, 2018).

É importante salientar que a teoria queer percebe o aparato de poder e força da heteronormatividade e, diante disto, declaram que os sujeitos classificados como anormais, pervertidos, sexualmente desviantes “frequentemente estão enredados na heteronormatividade” (MISKOLCI, 2009, p. 157), mas dizer que o foco queer parte da heteronormatividade não equivale a dizer uma defesa de sujeitos não heterossexuais.

Em síntese, o estudo da sexualidade, necessariamente, implica explorar os meandros da heteronormatividade tanto a homofobia materializada em mecanismos de interdição e controle das relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo, quanto a padronização heteronormativa dos homo orientados. (MISKOLCI, 2009, p. 156-157).

Logo, o queer representa o espaço de uma criação onde se sucedem e se justapõem homossexuais, movimentos feministas, bissexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros, drags, corpos que desestabilizam a heterossexualidade, desmontam a

confirmação dos binarismos e a própria economia do poder que centraliza e determina regras e normas. (PEREIRA, 2008).

É importante salientar que os estudos queer sublinham a centralidade dos mecanismos sociais relacionados à operação do binarismo hetero/homossexual para a organização da vida social e cultural contemporânea, dando mais atenção crítica a uma política do conhecimento e da diferença. E, como afirma Steven Seidman, o queer seria o estudo “daqueles conhecimentos e daquelas práticas sociais que organizam a ‘sociedade’ como um todo, sexualizando – heterossexualizando ou homossexualizando – corpos, desejos atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, instituições sociais e cultura” (SEIDMAN, 1996, p. 13).

A crítica do pós-identitário caracteriza a luta política de mudança, de maneira a tornar o apelo às identidades restritivo e excludente. Sendo assim, a perspectiva pós-identitária encara o desafio das demandas por identidades mesmo que provisórias, mutáveis.

Os teóricos queer não formam um bloco homogêneo e não se restringem a políticas identitárias e ao conhecimento sexual. “Não se trata de ser contra a afirmação das identidades, mas de questionar, em especial em espaços não homofóbicos, o uso de determinadas estratégias e as relações de poder que estão inseridas nos discursos que tratam dessas questões”, conforme Leandro Colling (2011, p. 9). Tomaz Tadeu da Silva afirma que “pensar queer significa questionar, problematizar, contestar todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade” (2000, p. 107). Portanto, é de suma importância discutir e questionar o bem-comportado dentro da sociedade que promove normas e regras, pois promulgar os sujeitos que podem se encaixar no “bem-comportamento” é uma forma de exclusão que mantém uma identidade simétrica com o sistema hegemônico e impede o desenvolvimento da diversidade e da diferença.

Jagose (1996) esclarece que as incoerências existentes na situação de estabilidade promulgada de gênero e desejo sexual são vistas como essência dos estudos queer, que promovem uma desconstrução e se centram nas descoincidências e incoerências entre sexo, gênero e desejo, explorando todas as individualidades e especificidades de gêneros e sexuais para concretizar a pluralidade social e cultural presentes nesta sociedade que promove normas e centralização. Os sujeitxs queer transgridem as fronteiras de gênero, sexualidade, cor, classe social e isto acaba por classificá-los enquanto seres diferentes e desviantes.

Aqueles que não se enquadram nesta norma social são alocados à abjeção (BUTLER, 1999), considerados menos humanos, aberrações, excluídos, por romperem com a ideia de regras e de normalidade que constitui a construção de gênero, sexualidade, raça, cor. Sendo assim, os estudos queer apontam para a articulação de múltiplas diferenças nas práticas sociais. A diferença é o resultado da “designação do outro, que distingue categorias de pessoas a partir de uma norma presumida (muitas vezes não explicitada)” (SCOTT, 1998, p. 297). Se a diferença é criada a partir das normas, é importante investigar a forma como estas foram social e historicamente construídas dentro de processos normalizadores, isto porque a teoria queer lança o desafio de compreender como se criam as diferenças e como elas atuam no presente, anunciando o conhecimento necessário para fazer frente aos processos normalizadores que justificam o uso das diferenças como marcadores de hierarquia e opressão. (MISKOLCI, 2007, p. 16).

A teoria queer pretende assinalar o lugar do queer no concerto cultural em que se inscreve, ao observá-lo sob as suas inúmeras facetas sociais, étnicas, nacionais etc. sem tentar projetar uma imagem essencialista e globalizante, pelo contrário, mas investindo na diferença como a única forma de perceber o seu lugar e os sentidos que gera. (LUGARINHO, 2001, p. 42).

Por isso, a diferença é um conceito primordial aos estudos queer, pois é na diferença que se busca representar as variantes e a multiplicidade existentes na sociedade, a qual; normatiza e oprime por meio de suas regras e hierarquias socialmente construídas pela sociedade dominante. “Viver a diferença, nestas culturas, é estar em consonância com seus estatutos de (ex)centricidade” (LUGARINHO, 2001, p. 43).

PEDAGOGIA QUEER: POR UMA PRÁTICA EM PROL DA DIFERENÇA

Pensar em uma prática pedagógica queer para juventude é pensar em ações que superem as normatizações e preconceito por uma pedagogia pautada na diferença, na multiplicidade e diversidade. É preciso possibilitar que todxs sujeitxs e performances sejam relevantes e potencializadas no espaço do ambiente escolar. São sujeitxs das diferenças, seja ela de gênero, sexualidade, raça, cor, os quais instabilizam as identidades normatizadoras.

se debruçam em uma complexa trama de saberes e poderes, cuja análise sempre é necessária quando se parte de uma pesquisa com foco

nos estudos da Educação Queer, já que o currículo não é mais apenas um instrumento de transmissão de conhecimento, nem espaço de significação, mas é também um espaço de produção de identidades. A teoria Queer permite pensar a ambiguidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero, mas, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação. (LOURO, 2004, p.550).

Como se ter uma pedagogia pautada na diferença, no rompimento com as normatizações? Como pensar em uma pedagogia queer? O seria essa pedagogia? Como pensar numa prática pedagógica queer? Qual o espaço, nesse campo usualmente voltado ao disciplinamento e à regra, para a transgressão e para a contestação? Como romper com binarismos e pensar a sexualidade, os gêneros e os corpos de uma forma plural, múltipla e cambiante? Como traduzir a teoria queer para a prática pedagógica? (LOURO, 2001, p. 550). Contudo, ainda permanece a questão: como incorporar o queer na educação, que é, tradicionalmente, conforme apontado acima, o espaço da normalização e do ajustamento? (MISKOLCI, 2012).

Uma pedagogia e um currículo queer se distinguem de programas multiculturais significativos, onde as diferenças (de gênero, sexuais ou étnicas) são toleradas ou são apreciadas como curiosidade exótica. Uma pedagogia e um currículo queer estariam voltados para o processo de produção das diferenças e forçariam na instabilidade de todas as identidades. (MEC, 2009, p.32).

Escola, currículos, educadoras e educadores não conseguem se situar fora dessa história. Mostram-se, quase sempre, perplexos, desafiados por questões para as quais pareciam ter, até pouco tempo atrás, respostas seguras e estáveis. Agora as certezas escapam, os modelos mostram-se inúteis, as fórmulas são inoperantes. Mas é impossível estancar as questões. Não há como ignorar as ‘novas’ práticas, os ‘novos’ sujeitos, suas contestações ao estabelecido. A vocação normalizadora da Educação vê-se ameaçada. O anseio pelo cânone e pelas metas confiáveis é abalado. A tradição pragmática leva a perguntar: que fazer? A aparente urgência das questões não permite que se antecipe qualquer resposta; antes é preciso conhecer as condições que possibilitaram a emergência desses sujeitos e dessas práticas. (LOURO, 2001).

É importante salientar que esta prática é pouco conhecida pelos professores. Dessa forma, é necessário que a partir do momento da formação acadêmica, toda formação de professor deveria estabelecer conhecimentos sobre sexualidade, gênero, raça, etnia. Compreender que o queer é além de um rótulo de identidade de gênero, é a teoria que vem desconstruir o seu próprio conhecimento. É questionar o que foi ensinado e aprendido pelo docente, o conhecimento normativo imposto pela sociedade para ser

exercido na escola, compreender que cada aluno tem seus questionamentos e estão em formação de personalidade e que é necessário discutir com eles sobre esses temas para que venham compreender a si mesmos e a sociedade contemporânea. O currículo é uma peça fundamental para isso, porém como utilizar uma ferramenta cheia de regras e normas em uma teoria que vem para desconstruir e desestabilizar o que já foi constituído. Esse tema vem crescendo cada vez mais no campo educacional, visa-se uma sociedade mais crítica. E a escola como formadora de indivíduo tem o dever de prepará-los para viver nessa sociedade. “Teriam de fazer mais do que incluir temas de conteúdo queer ou mais do que se preocupar em construir um ensino para o sujeitx queer. Uma pedagogia queer desloca e descentra; um currículo queer é não canônico”. (LOURO 2004, p.53).

De acordo com Louro (2004, p.52) a pedagogia queer tem como fundamental a provocação e perturbação das formas tradicionais de pensar e de conhecimento. uma provocação e uma perturbação, superando a ideia de dualismo presente nas teorias que trabalham com uma crítica da lógica da dominação. Se propõe ao questionamento, a desnaturalização e a incerteza como estratégias férteis e criativas para pensar qualquer dimensão da existência. A dúvida deixa de ser desconfortável e nociva para se tornar estimulante e produtiva. Não se pretende um modelo ideal, uma vez que a prática pedagógica e sujeito assumem seu caráter intencionalmente inconcluso e incompleto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O queer se torna, assim, uma atitude epistemológica que não se restringe à identidade e ao conhecimento sexuais, mas que se estende para o conhecimento e a identidade de modo geral. Pensar queer significa questionar, problematizar, contestar, todas as formas bem comportadas de conhecimento e de identidade. (SILVA, 2000, p.107).

São sujeitxs diversos, múltiplos que perturbam e desestruturam. São “bichas”, gays, “neguinhos”, negros, pretos, “sapatões”, lésbicas, bissexuais, “travecos”, travestis, transexuais, “moreninhos”, “cabelos pixaim”, cabelos afros, “favelados”, periféricos que são excluídos do currículo e do processo educacional. São impossibilitados de ter voz e existência por serem obrigados a estarem presos às normas pré-estabelecidas pelas instituições e seus respectivos currículos. É fundamental pensar em uma ampla discussão e formações para que os currículos sejam repensados e desestruturados para que possam englobar essas diferenças que desafiam cada vez mais o ambiente escolar. Dessa forma, percebe-se que a pedagogia queer permite uma ampla discussão e inserção das

identidades, das diferenças no processo de ensino e aprendizagem. São sujeitos que precisam de ter voz e esse ecoar é urgente para que o preconceito, o racismo, o machismo, a homofobia, a transfobia, o sexismo seja silenciado. A diferença é fundamental porque enriquece, desconstrói, rompe, problematiza, produzindo inquietude e questionamentos para que a normatização e “normalização” da educação e do processo de ensino-aprendizagem sejam desestruturadas, perturbadas em prol de um currículo instável e desafiador.

É fundamental ampla discussão com todos os membros do ambiente escolar (pais, docentes, estudantes, técnicos educacionais, gestores, terceirizados) através de cursos de formação inicial e continuada (FIC) como oficinas, minicursos, lives, palestras, comunicações orais; projetos de ensino, pesquisa e extensão para que se possibilitem novas propostas de currículos e práticas pedagógicas que permitam uma visão questionadora e desafiadora do processo de ensino e aprendizagem por meio de uma pedagogia que valorize a diferença como vital para a colaboração na formação plena do estudante.

REFERÊNCIAS

- BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. O queer e o conceito de gênero. In: **Grupo de Pesquisa: Corpo, Identidades e Subjetivações**, UFSCar, out. 2011. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/cis/2011/10/o-queer-e-o-conceito-de-genero/>>. Acesso em: 15 mar. 2020.
- BUTLER, Judith P. Corpos que pesam, sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- BUTLER, Judith P. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- COLLING, Leandro (Org.). Stonewall 40 + o que no Brasil? Salvador: EDUFBA, 2011.
- FERREIRA, Sandromar do Amaral. Pedagogia queer: uma nova proposta no meio educacional. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar** v.2, 2017. Disponível: <<http://revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/pesquisainterdisciplinar/article/view/268/pdf>>. Acesso em: 02 de ago. de 2020.
- JAGOSE, Annamarie. **Queer Theory: An Introduction**. New York: New York University Press, 1996.
- LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**. Ano 9(2), 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>>. Acesso em: 04 de fev. de 2020.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- LUGARINHO, Mario César. Como traduzir a teoria queer para a Língua Portuguesa. **Revista Gênero**, Niterói, v. 1, n. 2, p. 33-40, 2001. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/362>>. Acesso em: 24 de julho de 2020.
- MEC: Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Rio de Janeiro: CEPESC; Versão 2009.
- MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a questão das diferenças: por uma analítica da normalização. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL – COLE, 16. **Anais...**

Unicamp, Campinas, 2007. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2013.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2012.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Queer nos trópicos. Contemporânea, **Revista de Sociologia da UFSCar** (2), 2012, pp.371-394.

SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. **Projeto História**, São Paulo, PUC, n. 16, p. 297-325, 1998.

SEIDMAN, Steven. **Queer Theory/Sociology**. Malden: Blackwell, 1996.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SABERES DOCENTES SOBRE A CULTURA: A EXPERIÊNCIA DAS FEIRAS CULTURAIS PARA DIFUSÃO DE CONHECIMENTOS E FORMAÇÃO DE IDENTIDADES ÉTNICO-RACIAIS

Roberto Carlos Oliveira dos Santos¹

¹ Instituto Federal Baiano, Campus Governador Mangabeira.

INTRODUÇÃO

Por compreender que o professor representa um dos componentes essenciais da instituição escolar na articulação e mediação dos objetivos da educação, esse artigo tem como propósito apresentar uma discussão sobre o seu papel na problematização do conceito de cultura para a formação de identidades dos estudantes na contemporaneidade.

Tomarei ainda como ponto de reflexão central nessa discussão a análise das atividades culturais das Feiras Culturais do Recôncavo Baiano (FCRB) ocorridas anualmente desde 2013 e que constam no calendário letivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, Campus Governador Mangabeira. As feiras fazem parte das ações promovidas pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro e Indígena (Neabi/Mangabeira) em parceria com a Pós Graduação em História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena (Pós HCABI).

SABERES DOCENTES E A CULTURA NO CONTEXTO DAS MUDANÇAS

As transformações rápidas e profundas por que passa a sociedade e por extensão as instituições de ensino, pesquisa e extensão, a exemplo dos Institutos Federais, vêm exigindo que o professor aprenda a lidar com novos problemas; dentre os quais, destacam-se os conflitos relativos a diferentes modelos, normas e mudanças. A dinâmica sócio-política, econômica e cultural nem sempre reconhecem as contribuições dos povos e sujeitos do lugar.

Historicamente, o professor sempre exerceu papel importante para o desenvolvimento social das comunidades onde a escola se insere. Sobre ele sempre

recaíram as expectativas de formar gerações e atualizá-las para o enfrentamento dos desafios de cada época.

No processo mediado por saberes e conhecimentos percebe-se o quanto a cultura é fundamental como elemento de construção de uma nova mentalidade, onde se articulam dimensões diversas, desde os fazeres profissionais dos docentes, o compartilhamento de ideias e a construção de projetos de vida. A orientação da dimensão política da cultura popular também colabora para a formação de cidadania na medida em que proporciona discussões de temas da diversidade indutores da descoberta e afirmação das identidades e pertencimento dos sujeitos.

A cultura é um desses traços marcantes de expressão das mentalidades coletivas, representações e ancestralidade de um povo. Tomo aqui como conceito de cultura o que traz Roberto da Matta (1981), ao afirmar que,

[...] De fato, quando um antropólogo social fala em "cultura", ele usa a palavra como um conceito chave para a interpretação da vida social. Porque para nós "cultura" não é simplesmente um referente que marca uma hierarquia de "civilização" mas a maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa. Cultura é, em Antropologia Social e Sociologia, um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas. (MATTA, 1981, p. 3).

No contexto de impasses civilizatórios, muitas vezes o professor percebe o mal-estar por não encontrar soluções práticas do seu trabalho e mergulha nos seus próprios dilemas, paradoxos, momentos de desânimo com a profissão, entre o amor e o ódio, o prazer e o desprazer. Seria o desconforto dessa crise um estímulo para busca de uma melhoria da sua formação objetivando promover uma práxis pedagógica mais eficaz com vistas a dar conta das exigências da conjuntura? Penso nessa perspectiva, pois se tudo muda de forma veloz, novos desafios se impõem à profissão, mesmo porque,

[...] compreender a prática pedagógica implica compreender o contexto propriamente pedagógico formado pelas diversas práticas cotidianas do ser humano, práticas que orientam e constituem as ações dos professores e imprimem significados à vida profissional desses seres humanos, bem como representam as divergências ou as convergências que os grupos encontram para se apropriar ou desenvolver seus mecanismos e comportamentos. (LIMA JÚNIOR, 2005, p. 37).

Tanto os professores quanto os discentes expressam a compreensão da sociedade por meio de suas representações da realidade. Uns e outros vêem a sociedade com os

olhos das suas culturas particulares de seus grupos. Na verdade, cada um interpreta a realidade e cria versões delas conforme as suas experiências lhes permitem vêr. Para Azevedo (1958), o respeito à pluralidade das culturas nascidas na sociedade e a rejeição ao apego exagerado e unilateral a determinada cultura constituem orientação educacional imprescindível ao trabalho do professor.

Seguindo o pensamento do autor, acrescento o quanto pode ser nefasto para um grupo social a absorção de padrões culturais únicos a partir de concepções hegemônicas e classificatórias de uma só matriz. Um povo constituído a partir da diversidade étnico-racial, mas colonizado por uma matriz exclusiva de base eurocêntrica leva desvantagem em seu handicap cultural. Em territórios como o do Recôncavo baiano, ocupados historicamente por povos subalternizados e escravizados, não é mais possível admitir hoje qualquer projeto civilizatório incapaz de reconhecer e dar visibilidade para as manifestações culturais das matrizes indígenas e africanas.

PROTAGONISMO DE NEGROS/AS E IDENTIDADE CULTURAL

O espaço institucional pode proporcionar discussões em seus distintos projetos e currículo a respeito da diversidade, favorecendo o reconhecimento e a valorização da contribuição africana, com destaque maior a visibilidade de conteúdos até então negados ou silenciados pela cultura de imposição seletiva, descompromissada com a autonomia popular e que manifesta-se via de regra para garantir controle social de manifestações de caráter popular.

Essa falta de visibilidade e de reconhecimento promove uma distorção no conjunto da sociedade, qual seja, impõe e valida um conhecimento incompleto do conjunto dos sujeitos negros em prol de relações raciais desiguais e rebaixadas pelas desigualdades e hierarquizações das diferenças.

Para Nilma Lino (2003),

A cultura, seja na educação ou nas ciências sociais, é mais do que um conceito acadêmico. Ela diz respeito às vivências concretas dos sujeitos, à variabilidade de formas de conceber o mundo, às particularidades e semelhanças construídas pelos seres humanos ao longo do processo histórico e social. Os homens e as mulheres, por meio da cultura, estipulam regras, convencionam valores e significações que possibilitam a comunicação dos indivíduos e dos grupos. (GOMES, 2003, p. 75).

Exemplo dessas vivências concretas de que fala a autora, e a reinvenção da criatividade, emergente das ruas da dita periferia, nela eclodem manifestações e formas de auto representação identitária de comunidades tradicionais das mais variadas. Nas

zonas urbanas e rurais de cidades do interior pululam grupos de forrozeiros, quadrilhas juninas, samba-de-roda e reizados com suas roupas e indumentárias coloridas e vivas tomando como padrão estético, rítmico e gestual as bases de matriz africana.

A identidade desses sujeitos insinua uma forte mensagem de fortalecimento ideológico e político frente às mazelas cotidianas decorrentes, sobretudo, do processo histórico da discriminação racial. Para Albuquerque e Fraga Filho (2006, p. 285), a juventude da periferia passou a reinventar sua própria identidade. Isso teve impacto na organização política dos negros e, principalmente, na forma como passaram a sentir e expressar a negritude.



Figura 1: Representações Juninas Fonte: Acervo fotográfico da FCRB-Neabi

Destaco ainda, o surgimento de um novo perfil urbano dessa juventude negra, onde ocorrem reuniões de jovens em *shows de pagode*, bailes funk, paredões, duelo de rimas, hip-hop, dentre outras expressões culturais. Penso ser estas manifestações, fortalecedoras dos laços associativos, indutores da troca de experiências e reflexão sobre a condição de ser negro no Brasil contemporâneo. Hoje, a região periférica, carente dos serviços públicos essenciais, é quem pauta a agenda cultural das cidades. Muitos desses grupos promovem um arejamento na convivência entre sujeitos negros e não negros no exercício da convivência positiva, do exercício da dignidade e da afirmação do seu espaço.

A partir da observação desses espaços em construção é que o professor comprometido com a educação antirracista precisa entender as teias das tramas de educar em territórios de identidades. Faz-se necessário, compreender que ele não está

sozinho na atividade de ensinar. Esses jovens são também educados por muitas outras pessoas, a maioria em movimento, em áreas de fronteiras repletas de subjetividades.

A ciência e o ensino escolar não encontram-se em posições hierárquicas privilegiadas em virtude de concepções de mundos exclusivistas, recortado por classe, gênero ou determinações racializadas, mas assumem uma maior responsabilidade orientativa na perspectiva em que comprometam-se a uma reflexão crítica sobre os seus fazeres que transmitam aos jovens a confiança em fazer a travessia para o devir. Uma amplitude ecodiversa capaz de reconhecer e respeitar os saberes tradicionais e ancestrais contidos nessas comunidades.

Pensando no jogo relacional das diferenças, Alfredo (2003), nos convida à reflexão sobre a importância da garantia de uma sociedade multicultural,

[...] qualquer multiculturalismo já é, pelo menos epistemologicamente, humilde, na medida em que assume que, por mais que se fale, nunca se saberá o que é mesmo este mundo nem como ele funciona. [...] Ora, com isso, qualquer pedagogia multicultural não pode pretender dizer, aos que estão entrando no mundo, o que é o mundo; o que no máximo ela pode fazer é mostrar como o mundo é constituído nos jogos de poder/saber por aqueles que falam nele e dele, e como se pode criar outras formas de estar nele. (VEIGA-NETO, 2003, p. 13).

Na zona de tensão entre as aprendizagens instituídas pelo sistema escolar tradicional e um modelo que respeite e valorize os saberes espontâneos, adquiridos na vida, o primeiro reforça o poder das classes que espelha a superioridade de um indivíduo ou de um grupo, apoiada na força, tradição, prestígio, autoridade ou riqueza.

O poder legitimado por uma prática docente elitista promove o distanciamento das diferenças e atua na contramão do humanismo, criando mais desigualdade e exclusão, cristalizando status sociais distintos e, por fim, definindo posições colonizadoras e diferenciadas entre os sujeitos nas suas relações com os outros.

FEIRAS CULTURAIS E DIFUSÃO DE CONHECIMENTOS

A Feira Cultural do Recôncavo Baiano (FCRB) concebe a *cultura* como um conceito mais amplo, polifônico e representativo do conjunto da produção social, ideológica, artística, tecno-científica, política, religiosa e econômica de diferentes sujeitos inseridos nos seus espaços de convivência social. Constituiu, assim, um eixo geral pelo qual as abordagens dos conhecimentos e dos saberes propuseram um grande mosaico de manifestações culturais, no qual, as peças se articulam em processo, através de *links* e atividades coletivas advindas da experiência comunitária e dos produtores de

conhecimentos.

A primeira edição da FCRB ocorreu em 2013 propondo a reflexão a partir da tríade *Cultura, Ciência e Saber (Diálogos Possíveis)*, com esse tema gerador foi possível estreitar um diálogo com diferentes atores da cena cultural sobre a produção de sentidos do fazer e estar no Recôncavo baiano. Nesse território existe um dito popular conhecido, ao se perguntar sobre a sensação de voltar à região, muitos revelam “ter o umbigo” enterrado nele. São reminiscências de tempos passados em que as mães colocavam o coto do cordão umbilical perto da casa. Próximo ao aconchego.

Feita a ponte inicial entre o recém-chegado professor e a comunidade, destaco nesse período a colaboração da Secretaria Municipal da Promoção da Igualdade Racial com vistas fornecer informações sobre o mapa dos grupos locais e regionais, com essas informações foi possível diagnosticar o perfil das localidades da cidade e do seu entorno. Nessa época nasceu a aproximação com muitos grupos regionais, a exemplo do Grupo Educapoeira, inserido na comunidade do bairro de Portão e que vem realizando um belíssimo trabalho com a capoeira e formação cultural com as crianças e adolescentes da cidade.

Em 2014 a FCRB não foi realizada em virtude da interrupção das atividades no instituto devido à greve dos servidores públicos federais que se adentrou pelo período junino. Em 2015 retomamos com o tema *Cultura em Movimento, Movimento da Cultura*. Nesta edição foi realizado o I Encontro dos Discentes Egressos, estes agora já qualificados/as como técnico/as em diferentes cursos ofertados no Campus e muitos deles antigos parceiros/as na fase de criação e consolidação do Neabi.

O Neabi/Mangabeira, desde a sua fundação em 2014, comprometeu-se de forma bastante atuante na articulação, planejamento e organização das FCRB. Atualmente o núcleo compõe uma rede local e nacional de Neabis e desenvolve ao longo do ano atividades de natureza propositiva, consultiva e deliberativa no tocante às questões da diversidade e inclusão.

Em suas propostas destacam-se ainda o fomento a estudos das questões étnico-raciais e o desenvolvimento de ações de valorização das identidades afro e indígenas. Dentre os seus objetivos está o de articular e promover ações referentes à questão da igualdade e da proteção dos direitos de pessoas e grupos étnicos atingidos por atos discriminatórios, a exemplo do racismo, por meio de atividades de ensino, pesquisa e extensão.

O Neabi teve o marco fundante, em novembro de 2013, no seminário de Diversidade, Inclusão e Política de Assistência Estudantil do IF Baiano. Esse

debate culminou na fundação do Neabi Mangabeira em 13 de fevereiro de 2014. A partir daí, ocorreu um frutífero debate sobre as demandas institucionais para elaboração da proposta de regimento e as iniciativas para as ações do núcleo. Embora as condições materiais e físicas do *campus* Mangabeira sejam limitadas, seguimos com o compromisso de efetivar as metas traçadas no planejamento estratégico com ações tais como: a organização das Feiras Culturais do Recôncavo, dos seminários do Novembro Negro, participações em eventos internos e externos (MIC, SBPC, CONNEPI, ABPN, dentre outros). Nos projetos de pesquisa e extensão, tratamos de diferentes temáticas como a formação docente, o uso das tecnologias na educação, o empreendedorismo, o combate à intolerância religiosa (contra as religiões de matriz africana) e outros aspectos da história e da identidade local e regional. (SANTOS, 2018).

Em 2016 com a temática *Política Cultural em Tempos de Crise*, ancoramos as discussões tomando a acepção da palavra crise em diferentes contextos buscando compreender a capacidade de renovação e superação dos grupos culturais quando tocados por dificuldades econômicas e pela precariedade de políticas públicas de apoio.

Muitos desses grupos, ao contrário do imaginário social, teriam tudo para abandonar seus projetos, porém o que vimos nessa edição da feira foi a presença de centenas de jovens empoderados e muito dispostos. Com destaque para os integrantes dos grupos de Governador Mangabeira: Quadrilha Junina do Vem Me Ver, Companhia Teatral Frutos da Utopia e o Grupo da Promoção da Diversidade LGBT, tivemos ainda a Quadrilha Junina do Fubá, da cidade de Cabaceiras do Paraguaçu.

Nos anos de 2017 e 2018, com os temas *Educação, Diversidade e Pertencimento (desafios para a formação)* e *Juventude, Identidade e resistência Cultural*, respectivamente, as feiras deram um salto de qualidade com a implantação da primeira turma da Pós-Graduação em História e Cultura Afro-brasileira, ocorrida em 2016. A partir da abertura desse curso foi possível ofertar oficinas pedagógicas, ministradas pelos próprios cursistas, em sua grande maioria, professores, educadores e ativistas sociais com formação nas mais diversas áreas do conhecimento e muito atuantes em seus territórios de origem.

Foi possível com essas experiências de trocas aproximar no espaço do campus a Pós-Graduação à diferentes modalidades de ensino (Médio Integrado, Pós Médio Subsequente, Educação de Jovens e Adultos), produzindo assim muitos trabalhos acadêmicos dos cursistas para análise da ação-reflexão de suas práticas político-pedagógicas. As oficinas serviram não apenas o processo ensino aprendizagem mas, sobretudo, alcançaram dimensões da subjetividade do público na perspectiva sociocultural. Os conteúdos versaram sobre dança afro, capoeira, samba-de-roda, forró,

ciranda, estética-afro, hip-hop, poesia e literatura, teatro, fotografia, juventude, gênero-raça e religiosidade de matriz afro e indígena.

Como atrações externas recebemos nessa edição a Quadrilha Junina Nova Geração, da cidade de Muritiba, comemorando em 2018 seus trinta anos de fundação e o Grupo de Forró Triângulo Dourado, da cidade de Cruz das Almas.

Nesse estreitamento de laço entre o Neabi e a Pós HCABI, verificamos o fortalecimento da proposta cultural e fortalecidos avançamos com uma proposta ousada para as outras pós graduações do campus (Linguagens Produção Textual e Estudos Culturais; Ensino de Ciências Naturais e Matemática e Metodologia Científica), unirem-se a nós na edição 2019 da FCRB com um evento comum, o Simpósio Integrado das Pós Graduações (SIMPÓS), com à temática *Educação, Integrando Diversidade e Liberdade*.

Os resultados das oficinas e trabalhos e as pesquisas dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) naquele ano, apontaram perspectivas variadas onde o enfoque pôde ser percebido nos objetivos, desenvolvimentos e resultados das pesquisas como um rico tecido, cuja a trama foi desenhada pelas linhas da diversidade formando um encaixe entre a cultura, a identidade e o território.

Para Matta (1981), a cultura parece ser um bom instrumento para compreender as diferenças entre os homens e as sociedades. E arremata, é importante acentuar que a base destas configurações é sempre um repertório comum de potencialidades.

QUASE CONCLUINDO

A preocupação central nesse escrito foi de fomentar uma ampla discussão sobre a importância da cultura na contemporaneidade tomando como referência a compreensão do papel da diversidade cultural no processo de desenvolvimento da sociedade brasileira. O professor em seu fazer cotidiano, refletindo sobre o lugar em que se encontra deve perceber a riqueza que tem nas mãos ao educar crianças e adolescentes provenientes de lares onde são guardados diferentes saberes de uma cultura regional que resiste e pode encontra-se latente em cada sujeito.

No processo formativo, as FCRB destacaram em seus objetivos a inserção qualificada da comunidade, incorporando diversas áreas do conhecimento humano integrando arte, política, ciência, cultura, tecnologia, culinária, religiosidade e afetos.

Penso nestes elementos como articuladores de conhecimento e saberes para elaboração, por parte dos educadores, de projetos educacionais e práticas metodológicas

renovadas, sobretudo, no que tange ao combate ao preconceito racial e a intolerância às manifestações culturais das matrizes africana e indígena.

A formação profissional é uma atividade carregada de sentidos múltiplos, quando a cultura é colocada na condição de promover o desenvolvimento pessoal, comunitário e social. Dessa forma, a cultura popular é carregada de valores, signos, crenças e sonhos individuais e coletivos.

Para nós, profissionais da educação e comprometidos com as transformações, o novo de que falava no início dessa escrita como os desafios das transformações rápidas e profundas por que passa a sociedade e alcança nossas instituições de ensino, pesquisa e extensão; já está em curso, dessa vez como tragédia de uma crise pandêmica sem precedentes na história da humanidade, e por essa razão, convido a todos/as a perseguir nesse novo tempo um estado de realização em busca de sua identidade profissional de acordo com a compreensão humana e afetiva que não adote a exclusão como norma.

REFERÊNCIAS

ALBURQUEQUE, Wlamira; FRAGA FILHO, Walter. “História da África e da Escravidão Africana” IN: Uma História do Negro no Brasil. CEAO/UFBA e Fundação Cultural Palmares, Salvador, 2006.

AZEVEDO, Fernando de. Sociologia Educacional. São Paulo: Edições Melhoramentos, 5ª edição, 1958.

BRASIL. Regimento reformulado do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro e Indígenas do IF Baiano. Salvador: 2018. Acesso em 18/08/2020. Disponível em <https://ifbaiano.edu.br/portal/ensino/wp-content/uploads/sites/2/2019/05/Regimento-do-N%C3%BAcleo-de-Estudos-Afro-Brasileiros-e-Ind%C3%ADgenas-do-IF-Baiano-Reformula%C3%A7%C3%A3o.pdf>

JÚNIOR, Arnoud de Lima. Tecnologias Inteligentes e Educação: currículo hipertextual. Editora Quartet-FUNDESF: Rio de Janeiro/Juazeiro, 2005.

GOMES, Nilma Lino. Cultura Negra e Educação. Revista Brasileira de Educação, n. 23, mai/ago de 2003. Acesso em 10/06/2018. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a05.pdf>

MATTA, Roberto da. Você tem cultura? Publicação no Suplemento Cultural da Embratel, set. de 1981. Acesso em 10 de Jul de 2020. Disponível em <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbXhbnRjdWx0aGlzdG9yaWF8Z3g6NDcwNjI4ZjllMWY4NTI2YQ>

SANTOS, Roberto Carlos Oliveira – Aluno Negro em Sala Branca – as representações sociais de aluno/a sobre relações étnico-raciais afetadas no contexto educativo. 2011. 128 p.. Dissertação de Mestrado em Educação e Contemporaneidade – Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Acesso em 18 de Jul, 2020. Disponível em http://www.cdi.uneb.br/site/wpcontent/uploads/2016/01/roberto_carlos_oliveira_dos_santos.pdf

SANTOS, Roberto Carlos Oliveira - Carta pública Você Conhece o Neabi? Governador Mangabeira: Campus, 2018. Folha ofício A4. Microsoft Publisher v. 2010.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, Culturas e Educação. Revista Brasileira de Educação, n. 23, mai/ago de 2003. Acesso em 10/06/2018. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a01.pdf>